

# O ROMANCE BRASILEIRO

II

## Amando Fontes e José Lins do Rego

Outro romancista que merece ser colocado no primeiro plano da literatura do seu país é Amando Fontes, de quem apenas conheço dois romances, talvez os únicos que ele escreveu: «Os Corumbas» e «A Rua do Siriry».

Ao contrário de Jorge Amado, cujos romances são encharcados de irrealidade, de sonho, de figuras poéticas e fragmentárias, o romance de Amando Fontes é prenhe de realidade, de personagens inteiros, de ambiente forte e vivido. Enquanto em Jorge Amado é o sonho que arrasta as figuras, em Amando Fontes é a própria vida, embora exista em cada personagem aquela porção de sonho que emana de qualquer homem.

«Os Corumbas» são um romance superiormente realizado e escrito. «Os Corumbas» são uma família que desce do sertão para a cidade à procura de melhoria de vida. São um casal com quatro filhas e um filho, que reúne todas as forças para vencer, para adquirir ao menos o pão nosso de cada dia, mas todo o esforço foi impotente para ultrapassar a tirania oculta do social, a injustiça latente do mundo em que vivem. Três filhas acabam prostitutas, uma morre, o filho é condenado como agitador e os velhos corumbas voltam, cansados de miséria, de sacrifício e de trabalho, ao ponto de partida, donde realmente nunca conseguiram sair, a não ser no espaço.

Tudo isto é dado de maneira superior, numa urdidura dramática, forte, viva, nua, sem subterfúgios literários e armadilhas de retórica. Os personagens são vivos e os seus destinos são feitos de realidade. Amando Fontes não toma parti-pris frente aos seus personagens, não os favorece, não os precipita, deixa-os viver através das suas páginas tão naturalmente como na vida, abandonados às circunstâncias e às emergências do cotidiano. O romance de Caçulinha, a mais nova das corumbas, é comovedor, trágico, chocante, sobretudo pela dureza e pela imparcialidade com que é descrito. O poder realista do romancista é tão forte que a trama não parece inventada, escrita, romaneada, mas sim um fragmento autêntico da própria vida, que tem o dom de transportar o leitor simultaneamente para dentro de todos e de cada um dos personagens.

O outro romance de Amando Fontes é «A Rua do Siriry», que é uma realização romaneada inferior da vida das toleradas. «A Rua do Siriry» em nada marca um progresso sobre «Os Corumbas», mas antes em tudo se revela inferior. Ora, «Os Corumbas», não me pareceu um livro esporádico, mas antes a revelação de um grande romancista capaz de realizar uma obra superior em quantidade e qualidade, por isso mais extranho ainda o retrocesso do segundo livro. Em «Os Corumbas» a maneira objectiva de Amando Fontes é uma virtude, em «A Rua do Siriry» reduzida num defeito.

E' que a vontade de ser abjectivo e real foi exagerada na «Rua do Siriry», o romancista transformou o seu dom realista de olhar a realidade — no que era original e por vezes ousado — num processo fotográfico, insípido e incolor; daí, aquilo que, em «Os Corumbas», surge como o imprevisto próprio da vida, aparece em «A Rua do Siriry» como previsto, igual e repetido. Assim, o destino comum dos Corumbas — comum fundamentalmente, mas diferente circunstancialmente — que se revela irremediável e inevitável, é tão bem dado que aos olhos do leitor, se alguma coisa fosse alterosa, tudo seria falso; o destino comum das prostitutas da Rua do Siriry — que peca também por ser circunstancialmente idêntico — surge como parti-pris, como preconcebido. E' que a realidade da arte embora objectiva não pode ser fotográfica, — a realidade em si mesma é amorfa. Até a fotografia para ser artística tem de focar de certa maneira artificial a realidade, isto é, o específico da arte reside num artifício e o artifício é uma maneira de deturpar a realidade com uma semelhança da própria realidade. E é assim porque a realidade natural é inapreensível na sua plena totalidade, impossível de cópia ou de «pastiche». Um pintor só consegue pintar, quer seja a côr, o som ou os sentimentos humanos. Um músico só pode revelar a magia e o mistério do som, e só através do som pode dar cores, formas e até os sentimentos humanos. Um literato escreve o som, a côr, as formas, os sentimentos humanos. Ora o pintor quando pinta o som serve-se de um artifício pictórico; o músico quando musica as cores usa também um artifício musical; o mesmo acontece ao literato, que mais do que nenhum outro artista, usa para se revelar e revelar a vida os mais variados artifícios literários. (Não confundir,

portanto, o sentido em que uso a palavra artifício — a falta de outra mais expressiva — com aquele outro sentido em que vulgarmente se emprega, na acepção polémica e depreciativa, significando disfarce intencional, in sinceridade, emulação, etc.). O literato, momentaneamente o romancista, é o mais artificial dos artistas porque tem de ser artificial frente à côr, ao som, etc., visto que, só com artifícios, isto é, só escrevendo, pode exprimir tais sensações. Por isso é que um literato, sobretudo um romancista, torna a repetir, será tanto maior, tanto mais natural, tanto menos «artificial» — já emprego aqui em sentido polémico — quanto mais complexa for a sua personalidade de artista, isto é, quando dentro dele residir potencialmente um pintor, um psicólogo, um poeta e até um músico.

Amando Fontes, na sua ânsia de objectividade, afogou as suas extraordinárias qualidades de romancista eloquentemente demonstradas em «Os Corumbas», e todas as virtudes resultantes do seu método objectivo — segredo da força e da originalidade do seu primeiro livro — ficaram submersas pelo exagero da própria objectividade. Parece paradoxal mas não é, é apenas a confirmação de uma regra, que é verdadeira, não simplesmente no domínio da ética (os exageros conduzem aos vícios), mas também nos da estética, como o deve ser em todas as actividades humanas.

### JOSE' LINS DO REGO

José Lins do Rego, deve ser, dos três que citei, o mais conhecido em Portugal. Abriu em 1932 o seu ciclo da Cana do Açúcar, com a novela «Menino de Engenho», que completou em 1936 com «Usina». Os romances intermediários são: «Doidinho», «Banguê», «Moleque Ricardo». De todos os seus romances é «Banguê», talvez, o mais equilibrado, aquele que nos dá melhor a medida de Lins do Rego.

«Menino de Engenho» é uma novela admirável, possui algumas páginas superiores, tão espontâneas e sinceras que não podiam deixar de ser vividas pelo romancista, mas a-pesar-de estarmos em presença de uma pequena obra prima, o miolo do livro, por ser demasiado fácil, não chega para medir as possibilidades do romancista que depois encontramos no «Banguê», em muitas páginas do «Moleque Ricardo» e da «Usina».

Falta a Lins do Rego o genio poético que palpita em Jorge Amado, e falta-lhe também o poder construtivo de Amando Fontes. Daí os ro-

mances de Lins do Rego parecerem desiguais, com muitas páginas onde tudo se arrasta sem ser embalado pelo sonho, pelo poético, como acontece em Jorge Amado, ou pelo dinamismo oculto da própria vida, como acontece em «Os Corumbas» de Amando Fontes; mas possui dons excepcionais de intérprete de factos e de personagens, e é sobretudo dono de um raro poder evocativo, um penetrante espirito de análise, embora em oposição — o que é o seu pecado original — não tenha o talento da escolha e da síntese.

«O Ciclo da Cana do Açúcar» é a história romaneada do Nordeste brasileiro. Toda a tragédia do nordestino brasileiro gira à volta da cana do açúcar. Sem grandes complicações de técnica literária, Lins do Rego mostra-nos no seu primeiro livro o clima de todos os outros. Há dentro do «Menino de Engenho» o germe de todo o resto que se amplia e progride nos romances posteriores, e é esse clima o verdadeiro personagem de Lins do Rego. «O Nordeste Brasileiro», com a sua tragédia económica, moral, psicológica e cultural. Esta possibilidade de nos dar um personagem colectivo que tudo domina é uma característica marcante dos romances de Lins do Rego, o que encontramos também em outros romancistas seus compatriotas, embora no autor do Banguê. Assim, no autor do Banguê. Assim, Jorge Amado coloca por trás dos símbolos das suas figuras individuais a sua grande figura colectiva: a Baía; para Amando Fontes o herói individual não tem sentido, os seus personagens são apenas comparsas da vida; Lins do Rego — mais do que nenhum outro — serve-se dos indivíduos como pretexto de construir e personificar o seu verdadeiro herói: O Nordeste do Brasil. Esta característica geral do romance brasileiro contemporâneo é bem a sua essência social, o contrário da pesquisa psicológica, demorada, minuciosa, individualista, que caracterizou grande parte do romance moderno europeu. O romance brasileiro tem acção, movimento, vida, sobretudo porque exprime a essencialidade da nossa época, isto é, o homem mergulhado na vida, lutando, sofrendo, amando e odiando numa constante batalha, em permanente contacto social, e não fechado a sete chaves no sótão de qualquer castelo feudal desentrolando pacientemente o cordão umbilical do seu imaginário mundo psicológico. Numa época como a nossa o homem não se consegue isolar, porque o seu drama individual mes-

# CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DOS SEUS PRINCIPAIS INTERPRETES

cia-se com o drama do seu tempo (o que aconteceu em todos os tempos, embora não tão flagrantemente), porque a tradição cultural individualista não resiste ao exemplo histórico do momento, e sobretudo, porque a sensibilidade e a inteligência do homem de hoje jamais podem ficar inertes frente ao angustiante e ao agónico da sua hora, sem dúvida das mais graves e confusas de todos os tempos.

A geração nova do Brasil sente profundamente o drama da sua hora e entre os seus romancistas é Lins do Rego aquele que mais polêmicamente a revela. O Nordeste Brasileiro vai passando nos romances do ciclo da cana do açúcar como um filme cinematográfico na bobine de uma máquina. Vida primitiva, bárbara, inculta, feita de sucessivas ocorrências meramente materiais, que pouca repercussão tem dentro dos personagens, produzindo apenas estados de consciência, rápidos, simples, despidos de nuances e de complicações. (Isto, que aparece mais claramente em Lins do Rego, é geral a todos os outros romancistas seus compatriotas). As figuras do ciclo da Cana do Açúcar estabelecem entre si uma vida de relação fácil — sob o ponto de vista psicológico — mas ao mesmo tempo dolorosa. O senhor de engenho, o negro que foi seu escravo, os cabras do dito, os cangaceiros, os operários da cidade e da usina, as prostitutas, os presos de Fernando Noronha, os políticos do Recife vivem sem verdadeiros abismos, sem diferenças subtis de psicologia ou de cultura, sem as lutas de antagonismo latente e profundo que se verificam nas consciências de classe do velho mundo. Tudo é apenas uma diferenciação de posição social, mas onde só existem os degraus do económico. No primitivismo e na miséria reside pois a força dos romances de Lins do Rego.

É este, também, o hábito universal do romance moderno do Brasil, dado num ambiente tropical, cheio de magia negra, escrito em linguagem popular de dialetos e expressões sertanejas, mas que ultrapassa o circunstancialismo literário moderno do Brasil. Não há, exagero na minha adesão de simpatia aos romancistas brasileiros, mas antes uma comunhão profunda com a mocidade, a força, a sinceridade contagiante das suas obras. Não há propriamente entre nós, que vivemos — a-pesar-do nosso isolamento peninsular — a angústia europeia, e o romance brasileiro, este tabu de admiração que é o nos sentirmos retratados, analisados, sublimados esteticamente pelo talento ou pelo génio de um romancista.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

É este, também, o hábito universal do romance moderno do Brasil, dado num ambiente tropical, cheio de magia negra, escrito em linguagem popular de dialetos e expressões sertanejas, mas que ultrapassa o circunstancialismo literário moderno do Brasil. Não há, exagero na minha adesão de simpatia aos romancistas brasileiros, mas antes uma comunhão profunda com a mocidade, a força, a sinceridade contagiante das suas obras. Não há propriamente entre nós, que vivemos — a-pesar-do nosso isolamento peninsular — a angústia europeia, e o romance brasileiro, este tabu de admiração que é o nos sentirmos retratados, analisados, sublimados esteticamente pelo talento ou pelo génio de um romancista.

lhante literatura moderna do Brasil.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

É este, também, o hábito universal do romance moderno do Brasil, dado num ambiente tropical, cheio de magia negra, escrito em linguagem popular de dialetos e expressões sertanejas, mas que ultrapassa o circunstancialismo literário moderno do Brasil. Não há, exagero na minha adesão de simpatia aos romancistas brasileiros, mas antes uma comunhão profunda com a mocidade, a força, a sinceridade contagiante das suas obras. Não há propriamente entre nós, que vivemos — a-pesar-do nosso isolamento peninsular — a angústia europeia, e o romance brasileiro, este tabu de admiração que é o nos sentirmos retratados, analisados, sublimados esteticamente pelo talento ou pelo génio de um romancista.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

Os problemas subjectivos dos personagens do moderno romance brasileiro são feitos de barbaridade virgem. Tais problemas são: o problema amoroso, religioso e acima de tudo uma ânsia aguda de libertação de um escravo, que a-pesar-da abolição da escravatura ainda não se sente livre, e vive o mesmo sonho de liberdade. A vida corre em direcção da Liberdade que é o sonho individual dos personagens centrais dos romances, e sobretudo o sonho social e geral que domina os homens do Brasil novo. Nada parece mudar esse ritmo da vida, nada pode obstar a vitória de tal liberdade — é no fundo o que fica de uma leitura do romance brasileiro.

mo nacional para nos tocar profundamente como um drama trágico, humano, universal.

A-pesar-de tudo que disse (pode parecer a primeira vista) o romance brasileiro moderno não é romance de tese, não há problemas que se pretendam demonstrar com processos literários, mas apenas o desenrolar da vida, natural e espontâneo.

A vida, lá, é vivida como a vida e não ludibriada para servir interesses preconcebidos dos romancistas. Os factos sucedem-se naturalmente como no dia a dia, e para revelar o progresso natural da vida possuem os romancistas brasileiros novos, dotes excepcionais.

Os romancistas brasileiros tem ainda o dom de saberem desnudar a realidade, sem temer que tal atitude seja obscena e inestética. E não temem porque para o verdadeiro artista a arte não reside nas roupagens falsas do formal, mas sim no fundo humano que transcende a poeira do belo fácil. Não há veus a disfarçar a vida, e é por tal que o romance brasileiro moderno se impõe aos leitores como um mundo vivo, que fica para lá dos temas literários que pretenciosamente se criam à volta de uma figura obrigando-a depois, através da engrenagem literária, despoticamente a viver e a existir.

Tudo no romance brasileiro é vivo, espontâneo, bárbaro, primitivo, mas tudo caminha para um farol, que está para lá do formalismo do romance,

## por ANTÔNIO RAMOS DE ALMEIDA

com a naturalidade de uma catarata que cai do alto da montanha, que cresce como um rio, que aumenta e engrossa até morrer no mar. O Farol, o mar, o vento, isto é, a essência do romance brasileiro moderno é a Liberdade, porque a Liberdade é consciência de personalidade, e tal é a ânsia do Brasil Novo.

P. S.—Recebi, depois da publicação da primeira parte deste artigo no número anterior do «Sol Nascente», várias cartas — quase todas de amigos e uma de um desconhecido, mas penetrante leitor do romance brasileiro (o que verifiquei através dos muitos e subtis comentários da sua carta) — onde protestavam uns e lamentavam outros eu não ter incluído Erico Veríssimo, entre os principais romancistas do Brasil. Agradeço-lhes a atenção que tiveram pelo meu artigo, e justifico-me, dizendo, com a máxima sinceridade, que ao momento em que escrevi este artigo ainda não tinha lido Veríssimo. Reconheço que foi uma falta imperdoável, da qual me penitência prometendo escrever — para que este artigo cumpra a sua missão divulgadora — um rápido estudo sobre o romance de Erico Veríssimo, sem dúvida uma das maiores personalidades estéticas do Brasil Novo, um dos mais extraordinários romancistas contemporâneos, que apaixonou e conquistou o público culto português com a mesma facilidade — senão maior — do seu compatriota Jorge Amado. Aí fica a rectificação, para evitar mal entendidos, e mais uma vez agradeço a sinceridade daquêles que se me dirigiram, para mim mais simpática do que qualquer elogio inconsequente.

A. R. A.

## transcrições

Os nossos ecos «O analfabetismo e a mendicância» e «Afinal qual é o caminho?» foram transcritos pelo semanário de Montijo «A Gazeta do Sul».

— A página «Gente Moça», do semanário de Vizeu, «O Trabalho», transcreveu as palavras de A. S. do «Movimento Científico Português» sobre o Dr. António Monteiro.

— «No que se pensa HOJE», a revista brasileira que se publica em S. Paulo — síntese mensal da actividade contemporânea — transcreveu ultimamente o artigo «Os três estilos musicais», de Carlos Brandt, publicado no n.

25 de «Sol Nascente», em tradução de Cláudio Revel.

— O artigo do nosso camarada Afonso Ribeiro «O Romance Brasileiro contemporâneo», foi transcrito pela revista brasileira «Vamos Ler».

— Também a revista «Pan» do Rio de Janeiro, transcreveu o artigo do nosso camarada Abel Salazar: «Aldous Huxley e o seu pessimismo», publicado no nosso n.º 4.

— O nosso eco «Perplexidade Internacional», foi transcrito pelo semanário «O Montemorense», e pelo quinzenário «A Mocidade» que se publica em Ponte do Sr. Agradecemos.